

IDENTIDADE DE GÊNERO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: TEIAS RIZOMÁTICAS

Lucemberg Rosa de Oliveira; Ana Lúcia Gomes da Silva; Marleide Alves de Oliveira Medeiros; Edilânia de Paiva Silva.

Universidade do Estado da Bahia (UNEB DCH IV) lucembergdo@hotmail.com; analucias12@gmail.com; marleimedeiros@yahoo.com.br; edipaivasn@hotmail.com.

RESUMO

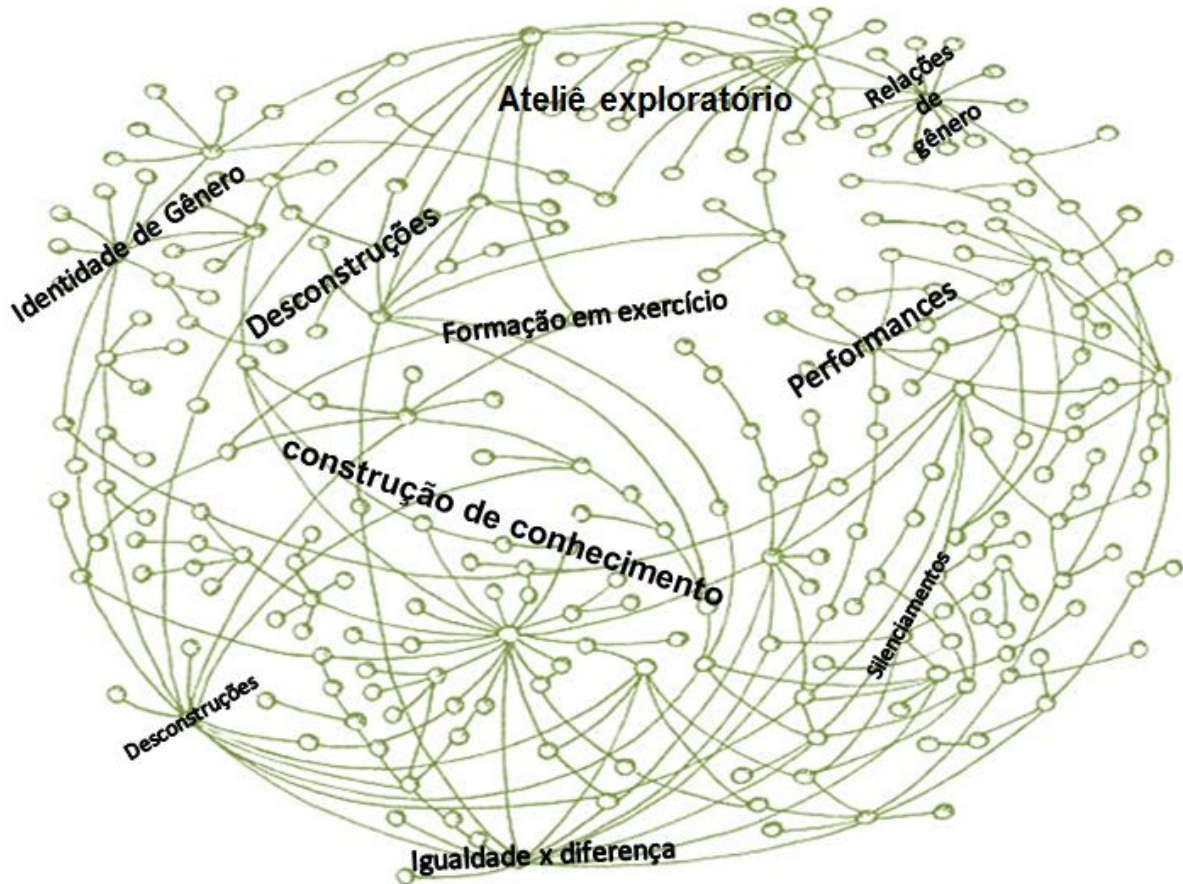
Este texto é resultado de uma aproximação inicial com o campo de pesquisa, e tem como objeto central a identidade de gênero e suas implicações nas práticas pedagógicas dos/a professores/a da Educação Básica. Nesse sentido, objetiva-se identificar como estes co-autores, partícipes da pesquisa compreendem as questões relativas a gênero e como essa compreensão incide em suas práticas pedagógicas. Como partimos das demandas do coletivo para atender ao coletivo, aplicamos o dispositivo escala de valor para que através deste levantássemos as principais temáticas que os/as colaboradoras sentem necessidade de aprender através da formação em exercício a qual será subsidiada por meio de Ateliês de pesquisa. O resultado dessa aproximação é que, sem uma formação adequada muitos/a professores/professoras acabam silenciando a temática por preferir não entrar no campo do debate e realizar os enfrentamentos e desdobramentos referentes ao tema. Todavia, não podemos trabalhar na perspectiva de que a temática identidade de gênero vai ser por todos/as refletida de modo igualitário, o que nos motiva é o fato de se faz presente em nosso dia-a-dia por meio de uma pedagogia cultural que se manifesta em todos os campos do saber e nos instiga a continuar pesquisando, aprofundando e empoderando mulheres e homens cada vez mais com base nas leituras realizadas e vivências cotidianas.

Palavras-chave: Identidade de gênero. Práticas pedagógicas. Formação docente em exercício. educação. Escola.

DIALÓGOS INTRODUTÓRIOS: ENLAÇANDO OS RIZOMAS

O título desse tópico introdutório torna-se bastante instigador para compreendermos o escopo restante desse texto, uma vez que a ideia a qual assumimos como sendo um rizoma parte dos pressupostos apresentados nas obras de Deleuze e Guattari (1995). Entendemos esse elemento como um espaço reticular, sem entradas ou saídas e baseia-se apenas em uma local que se torna o elemento conectivo. Dito de outro modo, tomamos as questões relativas à identidade de gênero como um rizoma, nos qual os desdobramentos se articulam e continuam bifurcando-se. Conforme menciona Deleuze e Guattari (1995) “o rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos”. A figura a seguir nos ajuda a compreender com mais concretude como funciona o rizoma em nossa pesquisa:

Imagem 01: Rizoma do ateliê exploratório



FONTE: Elaboração dos autores/a.

Conforme Deleuze e Guatarri (1995) mencionaram anteriormente, o rizoma pode ser composto por distintas formas; nesse caso, escolhemos essa forma para representar o nosso por se apresentar como um espaço para múltiplos enraizamentos que ora se comunicam ora criam suas próprias bifurcações. Os conceitos que o integram, emergiram dos nos nossos estudos realizados na pesquisa em andamento, que toma a identidade de gênero suas implicações nas práticas pedagógicas dos professores da Educação Básica desenvolvida no PMPED-UNEB (DCH IV)¹ bem como com o processo de familiarização da pesquisa permitiram construir tal forma. Esta pesquisa tem como metodologia o método cartográfico, porque ela difere de outros modos de fazer pesquisa, baseados, sobretudo, no impacto epistemológico conduzido por Deleuze e Guatarri – propositores desse conceito – no campo da filosofia e que acaba por cotejar no que concerne à produção investigativa

¹ Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade que oferta o Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (PMPED), da Universidade do Estado da Bahia.

na área das ciências humanas, em geral, e especialmente no campo da educação. (DELEUZE; GUATARRI, 1995). Importante ressaltar que este método é caracterizado como pós-crítico por romper barreiras dualistas além de agregar estudos de distintas vertentes como teoria *queer*, estudos culturais, estudos decoloniais, feministas, pós-moderno, pós-estruturalista mostrando a necessidade de incorporação desses no campo de construção do conhecimento em meio aos processos multiculturais críticos/interculturais que estamos imersos, transgredindo as fronteiras do tradicionalismo das pesquisas acadêmicas. Conforme Cavalcanti (2014) vivenciamos na crise paradigmática uma emergência de novos olhares e enfoques epistemológicos que aos poucos passam a influenciar tanto a formação como a prática docente e conseqüentemente a formação de pesquisadores/as em educação. Estar ciente desse campo de batalha epistemológico faz parte da agenda formativa dos professores.

Nesse contexto, a cartografia se faz pós-crítica por não ter receitas prontas, ou seja, de modo prescritivo com objetivos previamente estabelecidos e fixos, mas sujeitos a alterações no processo, pois ela é feita de processualidades, caminhando em meio às pistas presentes no campo da pesquisa as quais servem para orientar o percurso do pesquisador. Estas pistas dão a diretriz do método, considerando sempre os efeitos do processo do pesquisador sobre o objeto da pesquisa. Diante disso, esse artigo tem como objetivo discutir sobre as questões de gênero à luz da visão cartográfica com base nos resultados obtidos por meio de um questionário aplicado no ateliê exploratório de familiarização com o nosso lócus, em uma Escola Municipal da cidade de Barra do Mendes-BA com professores e professoras da Educação Básica que atuam no ensino fundamental II, lecionando do sexto ao nono ano. O texto se organiza dois movimentos principais, o primeiro é compreender as questões de gênero na escola articulando-as com os conceitos trazidos na imagem 01 (silenciamentos, identidade, performances, igualdade, diferença, (des)construção do conhecimento. O segundo movimento realizado dentro do texto é explicitar como o rizoma foi elaborado considerando as discussões teórico-práticas sobre gênero, explicitando o conceito e a realização do ateliê exploratório que a marca a fase de familiarização com o campo.

AS QUESTÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

A educação é vista como condição necessária para a promoção de uma “nova” base conceitual bem como epistemológica na qual quem dela faz parte compreende as noções básicas para tal realização. A promoção dessa base, perpassa pela emergência das discussões sobre gênero

na escola que, têm sido acentuadas em virtude sobretudo, do auto reconhecimento das minorias em se auto afirmarem como transgressores, multiplicadores e dissidentes, que não pertencem mais a cultura do “armário da exclusão”; que saíram de vez e almejam conquistar cada vez mais espaço numa sociedade idealizada por padrões héteros, brancos e principalmente machistas. Os debates se afluam ainda mais por percebemos que esses sujeitos têm sido menosprezados não só por se desidentificarem com a estrutura de gênero vigente como também com a de raça, classe social, etnia que estiveram sempre na linha de opressão. Esses eixos “marginalizados” pela sociedade que se imbricam e formam a identidade do sujeito podem ser compreendidos como interseccionalidade.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW 2002, p. 177)

Nesse contexto, encontramos ainda no espaço escolar uma visão muito enraizada que não olha o sujeito pela ótica de interseccionalidade e sim por construções estagnadas, oriundas de uma naturalização cultural acerca da identidade. Nesse sentido, Louro (1997, p. 60) alerta-nos que tal "naturalidade" tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentem, circulem e se agrupem de formas distintas”; além disso, a autora complementa que [...] as divisões de raça, classe, etnia, sexualidade e gênero estão, sem dúvida, implicadas nessas construções e é somente na história dessas divisões que podemos encontrar uma explicação para a "lógica" que as rege[...]"(LOURO, 1997, p. 60)

Esses/essas estudantes trazem consigo importantes vivências que transitam pelos diferentes espaços da escola e não se restringe somente a sala de aula. Exemplo disso são as angústias, inquietações, medos, prazeres, aventuras e desventuras que carregam consigo, sendo muitas vezes ou quase sempre, tais características silenciadas. Para Butler (2003, p. 189) esses atos, gestos e atuações, são performativos, no sentido de que a essência ou a identidade que pretendem expressar, são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. Observamos na fala da autora que o sujeito se performa de distintos modos e isso incide diretamente na formação da identidade.

Para Silva (2001, p.9), “a escola e, em particular, a sala de aula, é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos relativos a diferenças”. O autor Silva, ainda complementa mostrando o quão é importante se discutir a partir da perspectiva crítica, questionando as relações de poder, hierarquias sociais opressivas e processos de subalternização ou de exclusão, que as concepções curriculares e as rotinas escolares tendem a preservar (SILVA, 2001, p. 9). Olhando por essa ótica, os/a docentes e discentes tem nesse espaço oportunidade de discutir uma problemática engendrada de discursos normativos dentro do cotidiano escolar, a partir de diferentes óticas e diferentes abordagens numa perspectiva de (des)construção de preconceitos e estereótipos que perpassam pela temática. Todavia, isso geralmente não acontece no contexto escolar, havendo muitas situações onde as discussões tornam-se pouco atrativas em virtude de posicionamentos ideológicos contrários a essa perspectiva.

Seguindo essa linha de discussões sobre as questões de gênero na escola, Louro (1997) diz que elas “[o gênero...] ganha o espaço a partir das discussões e manifestações do movimento feminista que concebe o conceito de gênero como parte da formação da identidade do sujeito. Ainda, nas palavras de Louro: “[...] a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista a priori. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos” (1997, p. 23). Percebemos que distintos fatores têm direcionado as discussões de gênero para o lócus da escola, principalmente por esta ser um local de construção do saber e que não deveria menosprezar tais discussões tão importantes no processo de construção/representação da identidade dos sujeitos, já que estas os constituem .

Ampliando a discussão, Daniela Auad (2016, p. 14-15) faz-nos um chamamento para percebermos que as relações escolares são “elementos que produzem e posicionam os sujeitos que dela participam” e esse posicionamento ocorrem por meio de práticas inscritas na história de subversão das questões de gênero, educando meninas, mulheres, menos homens, e todos/todas que do processo participam por meio de uma visão homogeneizadora que nos leva a crer numa fragilidade feminina que vem de geração em geração. Por essa razão Auad (2016, p. 15) diz que “a escola pode ser o local onde se dá o discriminatório aprendizado da separação”, pois é lá onde ensinamos que meninos devem jogar bola e meninas procurarem outros meios de recreação, é onde as meninas na sala são ditas como quietas e os meninos como matracas e quando essas fronteiras são transpassadas/transgredidas há um estranhamento geral.

Acabamos tão reféns do heterossexualismo compulsório tanto na escola quanto em outros espaços que usamos o masculino genérico para denominar meninos e meninas e quando fazemos o processo inverso de usar o feminino genérico, apenas as meninas se veem privilegiadas. Por essa e outras razões que acreditamos que gênero, sexualidade, igualdade, diferença são práticas construídas que precisam ser (des)estruturadas, todavia, esse movimento só acontece mediante uma conscientização de todos/todas que participam da escola fazem parte do processo educativo e lá deve ser o ponto de partida para tais desconstruções. Por fim, concordamos com Auad (2016) quando ela coloca que “não é preciso haver um único conjunto de critérios que permitam concluir o que é ser homem e o que é ser mulher”, afinal o que importa é que somos seres humanos, dotados que singularidades, onde o respeito deve ser a primeira lição a ser apreendida e posta em prática.

TESSITURAS EM RIZOMAS: APROXIMAÇÕES, ANÁLISES E RESULTADOS PARCIAIS

Diante das tessituras expostas nos tópicos anteriores, fizemos uma entrada (aproximação) com nosso lócus de pesquisa na cidade da Barra do Mendes para que o campo empírico apontasse os subsídios introdutórios das principais necessidades do coletivo no que diz respeito ao tema relações de gênero na Educação Básica, de modo a nos permitir tensionar e debater as escolhas temáticas para realização dos ateliês, um dos nossos dispositivos da pesquisa em andamento. Para compreender o conceito desse dispositivo, partimos da conceituação feita por Filho e Silva (2015), ao afirmarem que o ateliê se alicerça na compreensão de um espaço formativo em que se tece coletivamente, portanto, colaborativamente. É o lugar como espaço-tempo formativo auto formativo, cujo trabalho será produzido por pessoas/profissionais com vontade de criar e, onde se pode experimentar, manipular e produzir produtos resultantes da pesquisa como princípio educativo, cognitivo, formativo, colaborativo e de reflexão/avaliação constante sobre a prática pedagógica.

Nesse sentido, tomamos o ateliê formativo em nossa pesquisa por meio do seu sentido mais estrito, relacionado como oficinas na qual os sujeitos envolvidos no processo dialogam entre si para pensar a prática pedagógica e como atuar para lidar com a diversidade em sala de aula em meio a adversidades. Esse dispositivo parte do princípio que todos/todas são participantes ativos do processo de ensino e de aprendizagem e que sem a colaboração não é possível atingir seu objetivo

maior que refletir a prática sendo pesquisador de sua prática, ou seja, uma formação em exercício que a compreende como um processo dialógico e de atravessamentos objetivos e subjetivos.

Observamos que não pode haver sobreposições nessa relação, pois quem participa dessa construção, afeta e é afetado por meio desses encontros que valoriza a colaboração, justamente por ser a partir dele que o resultado/ produto da pesquisa será construído, de modo que as contribuições favoreçam a reflexão de diferentes aspectos intrínsecos à prática docente. É essencial explicarmos a dinâmica do ateliê de pesquisa e como ocorre à sua construção. De acordo com Desgagné (1997, p. 13-14) a consequência de tal perspectiva de pesquisa é que o projeto de colaboração põe o pesquisador em situação de co-construção com os docentes, podendo ser visto simultaneamente como uma atividade de pesquisa e de formação. Com efeito, aliar-se aos professores para co-construir um objeto de conhecimento é também fazê-los entrar em um processo de aperfeiçoamento sobre um aspecto da prática profissional que exercem.

Os ateliês são meios para romper o distanciamento entre teoria e prática de modo colaborativo, característica imprescindível da pesquisa cartográfica que se faz sempre colaborativa e interventiva estreitando os laços entre pesquisador sujeito-objeto-lócus-conhecimento de maneira que as atividades possam ser pensadas levando em conta as especificidades do grupo, de modo que os conhecimentos sejam construídos e reconstruídos por meio de reflexões dos processos escolares buscando maneiras de intervir no devir² das realidades.

Como já mencionado, a fase exploratória da pesquisa foi marcada pelo ateliê de pesquisa exploratório, realizado durante duas horas. A escolha pela data e horário aconteceu em parceria com o diretor e o coordenador de uma Escola Municipal que oferece do 6º ao 9º ano em resposta a uma exigência também da Secretaria Municipal de Educação que adota a ideia de que a formação em serviço deve acontecer durante quatro horas por unidade. Nesse sentido duas horas eles utilizaram para discutir questões relativas à escola e nas demais horas foram realizadas nosso procedimento de pesquisa.

Inicialmente foi apresentada de modo sucinto a pesquisa, que até então era intitulada “Cartografias da identidade/performatividade de gênero e suas implicações nas práticas pedagógicas

² Devir é um conceito filosófico que qualifica mudança constante e um contínuo de algo ou alguém. Surgiu em Heráclito um filósofo, e depois em seus seguidores. Pode-se dizer que devir também significa uma força da natureza, que estabelece uma mudança, e esta mudança pode ser descoberta, para prever as consequências da mesma. Também encontramos no dicionário online de filosofia (2017) o seguinte: “Processo de mudanças efetivas pelas quais toda pessoa humana passa; movimento, vir a ser, transformar-se, tornar-se, metamorfosear-se (Fr. devenir); do (latim *devenio, -ire*)”. É, pois neste movimento permanente, que buscamos pistas para apontar mudanças na realidade pesquisada. Para aprofundamento Cf. as obras de Deleuze e Guatarri indicadas neste artigo.

na Educação Básica”³. Desde os tópicos introdutórios, as/os colaboradoras/e presentes teciam suas opiniões acerca do tema e, aflorou ainda mais quando a questão norteadora, a saber, foi feita: “Como a formação de professores em exercício pode contribuir no trato das questões da identidade/performatividade no contexto escolar da Educação Básica?”. As respostas de alguns confluíam em compreender o conceito de formação apresentado e por qual motivo esta não é continuada e sim, em exercício.

Foi explicado pelo pesquisador que este tipo de formação toma a prática pedagógica do/a professor/a como elemento basilar para compreensão das demandas desse espaço formativo que é a escola, com todas as singularidades e potencialidades, mediante esta realidade específica. Afinal de contas, não podemos trabalhar na perspectiva da homogeneização das escolas, como se todas fossem iguais e tivessem as mesmas tensões e conflitos pedagógicos. Além disso, conforme Pimenta (1988) “[...] Os cursos de formação inicial e continuada têm se mostrado pouco eficientes por não tomarem a prática docente e a pedagógica como pontos de partida e de chegada”, A citação da autora ilustra bem a perspectiva de trabalho da nossa pesquisa, um movimento constante de formação de rizomas que se imbricam nas tessituras dialógicas a partir dos saberes, experiências, e do processo de vivência no lócus, sob a ótica que não vamos para pesquisar os sujeitos e sim pesquisar com eles/a e para eles/a mediante as necessidades emergentes da realidade em que os colaboradores da pesquisa são copartícipes desse processo, de modo que estes/a se empoderem para o trato com a temática. Mais instigante ainda foram as considerações expostas para o desdobramento (des)velado pela questão norteadora, a saber: Quais concepções relativas à identidade de gênero ou performatividade de gênero ainda figuram no espaço escolar? Um dos participantes presentes, explanou a necessidade de não confundirmos ideologia e imposição da temática com reflexões sobre o assunto, afinal de contas, em sua visão, nosso trabalho de pesquisa estava propondo que o conteúdos relativos à temática fossem tratados em sala de aula, entretanto, ele como pertencente a uma convicção religiosa protestante, não iria trabalhar.

Importante ressaltar que após a fala do docente, explicamos que por inúmeros fatores, sobre tudo a dimensão ética, ninguém participa de uma pesquisa caso não haja interesse, além disso, o nosso foco está na formação das/e docentes para lidar com essas especificidades no cotidiano, pois, não podemos negar a existência de tais questões na escola, sobretudo, a partir de suas intersecções como raça/etnia, classe social, sexualidades, geração, das/o nossas/o discentes. Sabemos que há, muitas vezes, o silenciamento das vozes, porém, como docentes não podemos deixar que tais

³ A Banca de Qualificação sugeriu alteração do título do trabalho para “Cartografias de gênero: implicações nas práticas pedagógicas na Educação Básica”, cuja sugestão foi acatada por todos e todas da banca.

práticas se perpetuem e que continuemos apenas a culpabilizar a escola por isso; precisamos ter em mente que todo ato educativo é intencional, político e ideológico e que a escola somos nós, afinal, estamos imbricados com/no processo pedagógico e cotidianamente fazemos a escola e sua dinâmica acontecerem. Alguns outros pontos foram destacados nos relatos das/o docentes, todavia, em detrimento do número de páginas exigidos para este texto, não os abordaremos, para priorizar os resultados da escola de valor, um tipo de questionário, no qual as/o coparticipantes atribuem um conceito (5) cinco para os temas mais relevantes e conceito 01 (um) para os menos relevantes considerando as especificidades do lócus em que atuam. Verificamos no quadro 01, a seguir, o formato dessa escala de valor:

Quadro 01: Escala de Valor

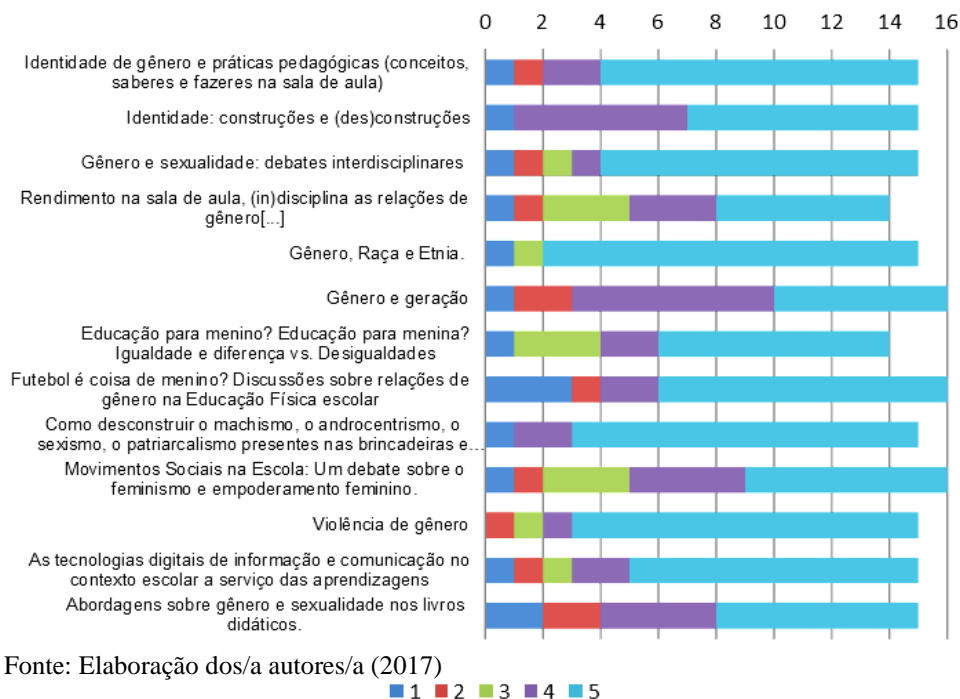
TEMAS	1	2	3	4	5
1. Identidade de gênero e práticas pedagógicas (conceitos, saberes e fazeres na sala de aula)	()	()	()	()	()
2. Identidade: construções e (des)construções	()	()	()	()	()
3. Gênero e sexualidade: debates interdisciplinares	()	()	()	()	()
4. Rendimento na sala de aula, (in)disciplina as relações de gênero: currículo em ação	()	()	()	()	()
5. Gênero, Raça e Etnia.	()	()	()	()	()
6. Gênero e Geração	()	()	()	()	()
7. Educação para menino? Educação para menina? Igualdade e diferença vs. Desigualdades	()	()	()	()	()
8. Futebol é coisa de menino? Discussões sobre relações de gênero na Educação Física escolar.	()	()	()	()	()
9. Como desconstruir o machismo, o androcentrismo, o sexismo, o patriarcalismo presentes nas brincadeiras e jogos no contexto escolar?	()	()	()	()	()
10. Movimentos Sociais na Escola: Um debate sobre o feminismo e empoderamento feminino.	()	()	()	()	()
11. Violência de gênero	()	()	()	()	()
12. As tecnologias digitais de informação e comunicação no contexto escolar a serviço das aprendizagens	()	()	()	()	()
13. Abordagens sobre gênero e sexualidade nos livros didáticos.	()	()	()	()	()

Fonte: Adaptado de Antunes (2012) pelos autores/autoras.

Os resultados dessa escala são denotados abaixo no gráfico. Por ele, é possível afirmar que os temas tidos como teóricos receberam notas mais altas em virtude da necessidade de (in)formação para maturar o debate e poder perceber como essas temáticas se fazem presentes não só no espaço escolar como fora dele, afinal, seguindo a linha dos estudos culturais, a pedagogia das culturas está presente em todos os espaços, pois o olhar se volta para os múltiplos aprendizados bem

como suas múltiplas possibilidades de ensino, haja vista que as ações de ensino e aprendizagem se encontram articuladas em todos os locais.

Gráfico 01: Resultados das temáticas escolhidas pelos colaboradores da pesquisa



Os dados do gráfico de aproximação com o campo empírico mostra-nos a necessidade da formação para temas como violência de gênero, machismo, sexismo, questões interdisciplinares sobre gênero e sexualidade, e como as TIC aparecem nesse processo, além de raça e etnia. Nesse sentido ficou evidente que os colaboradores atentaram para a primordialidade de uma formação que aça-barçasse algumas dessas questões em torno da diversidade principalmente no que se refere aos temas que partem da interseccionalidade a qual não toma o sujeito somente por um olhar, mas que este seja visto sob diferentes aspectos. Kamel e Pimenta (2008) afirmam que “sensibilizar os profissionais de educação sobre a importância das discussões acerca das diversas formas de expressão da sexualidade constitui um importante mecanismo de fortalecimento da educação, tanto no âmbito da formação pessoal, como também social”.

Essa situação ficou exposta no gráfico supracitado, tanto que as temáticas gênero, raça e etnia são a que, segundo a opinião dos colaboradores, necessitam de uma formação para debater a problemática em sala de aula. Os/a docentes terão oportunidade de discutir uma problemática engendrada por discursos conservadores dentro do cotidiano escolar, a partir de diferentes óticas e diferentes abordagens numa perspectiva de (des)construção de preconceitos e estereótipos que

perpassam pela temática, considerando os diálogos a serem pautados, oportunizaremos o debate, o dissenso, como possibilidade de reformular conceitos, concepções e posturas acerca do assunto.

Conforme Fagundes (2014) a escola deve, a partir de uma formação adequada de docentes, especialmente aqueles e aquelas que vão atuar na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, produzir uma educação, inclusiva, não racista, não sexista e não homofóbica. É responsabilidade de todos contribuírem para esta formação com consciência de gênero. Essa familiarização com os coparticipantes da pesquisa foi essencial para subsidiarmos com dados empíricos, algo que já evidenciávamos como pontos centrais em nossa pesquisa, pois, sem uma formação adequada muitos/a professores/professoras acabam silenciando a temática por preferir não entrar no campo do debate e se perder em meio aos desdobramentos interligados ao tema. Diante disso, não podemos ser ingênuos de que ao trabalharmos a temática identidade de gênero irá assegurar ou despertar em todos os coautores desse processo de pesquisa o interesse pela maturação ao debate, porém, temos ciência das necessidades que se fazem presente em nosso cotidiano acerca da temática, o que nós instiga a continuar pesquisando, aprofundando-nos, realizando enfrentamentos e tensionamentos cada vez mais consistentes com base nos estudos realizados e vivências quotidianas na escola e fora dela.

(IN)CONCLUSÕES

Diante dos aspectos trazidos nesse presente texto, identificamos a necessidade de tensionar os conflitos identitários que surgem nesse bojo da pós-modernidade, na qual as pedagogias culturais cada vez mais precisam se fazer presente na atuação do/a professor/a, principalmente no que se refere à identidade de gênero, categoria essencial da pesquisa em andamento, a qual não pode ser vista sem articular com outros conceitos centrais como geração, sexualidade, raça/etnia, classe etc., de modo que as transformações advindas dessa nova prática possam ser capazes de alterar significativamente o contexto ao qual pertencemos, interferindo diretamente no processo de descolonização e descentralização do currículo que normatiza os corpos instituindo uma visão homogeneizadora através das práticas curriculares. A escola tem sido percebida como um microcosmo da vida social, lócus de aprendizagens, de formação e superação de desigualdades e preconceitos. É este o desafio a ser trilhado pela pesquisa em questão. Ademais, somos co responsáveis pela formação integral e integrada do sujeito em todas as suas dimensões: ética, estética, cultural, política e cognitiva. Eis os desafios que estão postos aos educadores/as que forma

outros/as educadores para atuarem na Educação Básica, assim como aos que educam e formam professores nas instituições de ensino superior (IES). Afinal, quem educa os educadores/as?

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Celso. *Manual de Técnicas de Dinâmica de Grupo de Sensibilização de Ludopedagogia*, 27. ed Vozes, 2012.

AUAD, Daniela. *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVALCANTI, Alberes de Siqueira. Olhares epistemológicos e a pesquisa educacional na formação de professores de ciências. *Educ. Pesqui.* São Paulo, v. 40, n. 4, p. 983-998 out./dez. 2014.

CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*. Revista Estudos Feministas, 2002.

DAL MOLIN, F. (2011). Rizomas e fluxos molares e moleculares da máquina-escola: confissões de um cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*, 23(2), 303-311

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 01). Rio de Janeiro: Editora 34.

DESGAGNÉ, Serge. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. *Revista Educação em Questão*. v. 29, n. 15 (2007)

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. *Sexualidade, Gênero e Poder. – educação numa perspectiva emancipatória*. **Revista espaço acadêmico**. Nº 154. Março de 2014.

FILHO, Roberto Santos Teixeira. *A educação sexual nos livros didáticos de biologia: uma abordagem no campo do currículo*. Dissertação (Mestrado em Educação e Diversidade) Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade - PPEd, Universidade do Estado da Bahia. Jacobina, 2016.

FILHO, Roberto Santos Teixeira; SILVA, Ana Lúcia Gomes da. *A abordagem da educação sexual nos livros didáticos de biologia*. Anais...II COLÓQUIO DOCÊNCIA E DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: Políticas, práticas e formação 19 -21 DE MAIO DE 2015. ISSN: 2358-0151

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.